

## A EDUCAÇÃO NA DEFESA DA DEMOCRACIA E NO COMBATE ÀS MÚLTIPLAS FACETAS DO CONSERVADORISMO

### EDUCATION IN THE DEFENSE OF DEMOCRACY AND IN THE FIGHT AGAINST THE MULTIPLE FACETS OF CONSERVATISM

Recebido em: 18/08/2023

Aceito em: 05/09/2023

Maria da Conceição Dal Bó Vieira<sup>1</sup> 

Gabriel Arruda Burani<sup>2</sup> 

Thaís Hora Paulino<sup>3</sup> 

**Resumo:** Este trabalho pretende mostrar a educação como uma ferramenta básica e indispensável na defesa de um mundo mais democrático e no combate às falsas questões lançadas e defendidas por setores retrógrados da sociedade. O objetivo é destacar que, sem uma educação progressista, a democracia corre perigo e a sociedade pode mergulhar na barbárie. A metodologia baseou-se na pesquisa bibliográfica abrangendo publicações de diferentes épocas que já alertavam para a questão da educação como um dos pilares de sustentação da democracia e uma das formas mais adequadas de combater o conservadorismo. Após a consulta de diferentes autores considera-se que, sem sombra de dúvidas, a educação tem um papel relevante e insubstituível na defesa da democracia.

**Palavras-chave:** Educação; Democracia; Conservadorismo.

**Abstract:** This paper intends to show education as a basic and indispensable tool in the defense of a more democratic world and in the fight against false questions raised and defended by backward sectors of society. The objective is to highlight that, without a progressive education, democracy is in danger and society can plunge into barbarism. The methodology was based on bibliographical research covering publications from different eras that already warned of the issue of education as one of the pillars of democracy and one of the most appropriate ways to combat conservatism. After consulting different authors, it is considered that, without a doubt, education has a relevant and irreplaceable role in the defense of democracy.

**Keyword:** Education; Democracy; Conservatism

## INTRODUÇÃO

Este trabalho busca compreender a importância da educação como um dos caminhos que pode evitar a destruição dos avanços sociais e da própria democracia, além disso, pretende reafirmar a necessidade de impedir o avanço visões contrárias ao conhecimento científico e aos direitos humanos. A educação brasileira foi, especialmente nos últimos anos, tomada por um projeto conservador e

---

<sup>1</sup>Mestre em Educação, Faculdade Fleming Cerquilho. E-mail: [maria.vieira@docentefaculdadecerquilho.com.br](mailto:maria.vieira@docentefaculdadecerquilho.com.br)

<sup>2</sup>Mestre em Tecnologias Emergentes da Educação, Faculdade Fleming Cerquilho. E-mail: [gabriel.burani@docentefaculdadecerquilho.com.br](mailto:gabriel.burani@docentefaculdadecerquilho.com.br)

<sup>3</sup>Doutora em Ciências Farmacêuticas, Faculdade Fleming Cerquilho. E-mail: [thais.paulino@docentefaculdadecerquilho.com.br](mailto:thais.paulino@docentefaculdadecerquilho.com.br)

neoliberal, tendo sido relegada ao desprezo e abandonando os caminhos da diversidade e da inclusão, além de retomar práticas autoritárias e discriminatórias.

Esse projeto buscou atingir e destruir não só a educação, mas também a democracia e os avanços sociais que o Brasil, lentamente, vinha trilhando após a promulgação da Constituição Federal de 1988 e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei 9394/96. Por outro lado:

A educação e as humanidades, há anos recebem golpes daqueles que pretendem diminuir, cada vez mais, a sua importância e, conseqüentemente, a formação crítica do aluno. Os direitos humanos são atropelados e, com certeza, muitas vidas poderiam ter sido salvas se o caminho adotado fosse o da ciência e não o dos interesses espúrios (VIEIRA et al., 2022).

O objetivo que se pretende atingir é mostrar que a educação, como os diferentes autores consultados esclarecem, é imprescindível para garantir a democracia, consolidar os direitos humanos, realizar a inclusão, valorizar a ciência e abominar toda forma de preconceito e discriminação.

## **METODOLOGIA**

A metodologia adotada teve por base uma pesquisa bibliográfica, buscando autores importantes da área educacional e de outras áreas que, sobretudo nas últimas décadas, estudaram, analisaram e destacaram a importância da educação na defesa da democracia e na construção de uma sociedade mais justa, mais igualitária e inclusiva.

As publicações aqui citadas mostram a preocupação de importantes teóricos com o problema do abandono da educação progressista e o avanço de visões conservadoras, inclusive no Brasil, o que corrobora com a demolição dos avanços sociais conseguidos pela população e com o aniquilamento da democracia.

## **ANÁLISES E DISCUSSÕES**

A importância da educação na defesa da democracia é reconhecida por agências, entidades e organizações nacionais e internacionais, bem como por autores e intelectuais de diferentes épocas e países, sendo que, no caso do Brasil, a educação é ponto fundamental para que o país não mergulhe na barbárie das ditaduras.

A democracia é considerada um dos valores fundamentais da Organização das Nações Unidas (ONU), que estabeleceu o dia 15 de setembro como o Dia Internacional da Democracia, visando promover os princípios democráticos e os direitos humanos em todos os países.

No Brasil entidades como a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), a Associação Brasileira de Imprensa (ABI), apenas para citar duas importantes defensoras históricas da democracia brasileira, não cansam de batalhar pela valorização da democracia. Ainda assim:

A democracia brasileira nunca alcançou estabilidade, apesar das tentativas constitucionais. Esse é o maior drama. Se a democracia, desde a antiguidade, até hoje oscila entre diástoles e sístoles, imaginemos os equívocos que ocorrem no âmbito nacional, num país que vive copiando, sem senso crítico, ideias e modelos constitucionais do exterior e aplicando-os sem reflexão e com resultados pífios (SIMÕES, 2022, p. 762).

De acordo com essa visão deve-se compreender que a democracia brasileira precisa ser defendida, com coragem e determinação, visto que tem sido desestabilizada e desprezada com frequência, vitimada por golpes ou tentativas de golpe que enfraquecem sua força.

Não apenas no Brasil, na maior parte do mundo lutar na defesa da democracia não tem sido uma tarefa fácil, vive-se momentos de profundas modificações globais, avanço de nações poderosas, sobretudo nas áreas econômicas e militares, sobre outras menos potentes, todavia, com o mesmo direito de serem respeitadas em sua independência, lembrando que:

A passagem do século XX ao XXI ocorre diretamente no contexto da crise terminal do “socialismo realmente existente” e, conseqüentemente, da afirmação da assim chamada Pax Americana, que assinala de fato a imposição por meios econômicos e militares da hegemonia mundial dos Estados Unidos da América. Em outras palavras, com a virada do século a geopolítica mundial passa a girar em torno de um único eixo principal: os EUA (MONDAINI, 2020, p. 199).

A questão colocada por Mondaini mostra o avanço do poder econômico e seu papel, deletério sobre a democracia e os direitos humanos, resulta na ampliação da intolerância e no aumento do fanatismo na atualidade:

Mas o fanatismo contemporâneo não se resume à intolerância ao imigrante. Na verdade, este se volta em maior grau, senão completamente, contra sujeitos sociais tradicionalmente subalternizados em uma história que continua a ser em grande parte a história da dominação burguesa, patriarcal e colonialista. A fim de se contrapor a tal história, a democracia e os direitos humanos ainda têm muito a dizer, ainda que estejam atravessando um momento de recesso (MONDAINI, 2020, p. 201).

É desnecessário afirmar que dentre os males que o fanatismo carrega estão o desprezo pela diversidade e pelos regimes democráticos, assim como é desnecessário lembrar que o conservadorismo ao tentar retomar valores patriarcais e carregados de preconceito, mentem e criam a falsa ideia de que tais valores, absolutamente retrógrados, seriam a solução para as crises vivenciadas pelas sociedades atuais.

Os ataques frequentes que o regime democrático sofre mostram, com clareza, que é preciso estudar, refletir, analisar e lutar para que o Estado Democrático, consagrado já no preâmbulo da Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988, não seja agredido e destruído por forças antidemocráticas que negam a vontade soberana do povo expressa pelo voto.

Nunca é demais recordar que a democracia exige a aceitação das regras do jogo democrático e que, em inúmeras vezes ao longo do tempo, o fantasma da ditadura ressurge ameaçando extinguir os direitos humanos e sufocar a democracia, na medida em que:

As democracias são frágeis, vivem conflitos, e estes podem fazê-la submergir. A democracia ainda não está generalizada em todo o planeta, que tanto comporta ditaduras e resíduos de totalitarismo do século XX, quanto germes de novos totalitarismos. Continuará ameaçada no século XXI. Além disso, as democracias existentes não estão concluídas, mas incompletas ou inacabadas. (MORIN, 2001, p. 109).

A democracia e a paz almejadas pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), passam pelos desafios da educação das sociedades no respeito aos direitos humanos, na aceitação da diversidade das culturas, na valorização da democracia e no reconhecimento da importância da ciência.

Pensando no século atual, o Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, também conhecido como Relatório Delors, defendeu a educação para a humanização e para a garantia da democracia em todo mundo, apontando:

O novo século é, em essência, sinônimo de horizonte de nova esperança. Uma esperança que, por ser eminentemente humana e humanizadora, elege a prioridade educativa como sua aliada incontornável na edificação de uma nova ordem social onde todos contam e cada um possa ser capacitado para participar ativamente num processo de desenvolvimento que, para o ser, recupera a centralidade da pessoa humana na sua mais plena e inviolável dignidade. (CARNEIRO, 2003, p. 224).

A defesa da democracia e dos direitos humanos passa, certamente, pela esperança de uma educação humanizadora que respeite cada ser humano e colabore para que todos possam alcançar uma vida digna, tantas vezes negada pelas políticas excludentes adotadas por governos de índole ditatorial, no Brasil e em outros países do mundo.

Pensar e lutar por democracia, educação e direitos humanos é mostrar a desfaçatez das sociedades modernas, em especial a brasileira, que sob o manto do neoliberalismo e do conservadorismo vão demolindo a democracia, desprezando a educação e desrespeitando os direitos humanos, embora sabendo que:

A hegemonia dos direitos humanos como linguagem de dignidade humana é hoje incontestável. No entanto, esta hegemonia convive com uma realidade perturbadora. A grande maioria da população mundial não é sujeito de direitos humanos. É objeto de discursos de direitos humanos (SANTOS, 2014, p. 42).

De fato, o que se percebe é um discurso neoliberal que escamoteia a verdade, finge adotar valores democráticos, destrói a educação, menospreza povos indígenas e afrodescendentes, minimiza a pobreza, que atinge vasta porcentagem da população brasileira, alegando que os mais pobres possuem pouca vontade de trabalhar e de estudar sendo, portanto, um entrave na busca do progresso.

No Brasil tal discurso foi seguido de ações, que implementadas, acabaram por avançar significativamente sobre os poucos direitos adquiridos pela população, sobretudo a partir da promulgação da Constituição Federal de 1988. Foram questionadas e/ou abandonadas políticas de cotas, demarcação de terras indígenas e quilombolas, educação inclusiva, direitos às mulheres e minorias, entre outros direitos.

O Brasil precisa abandonar essa visão conservadora, reacionária e excludente, lutar por uma educação que respeite a democracia, os direitos humanos e a ética, mostrar a face cruel do neoliberalismo e exigir políticas sociais que retirem a população do abismo social, econômico, cultural e educacional a que foi relegada, lembrando que Paulo Freire ensinava:

É necessário que os revolucionários deem testemunho, mais e mais, da radical diferença que os separa das forças reacionárias. Não é suficiente condenar a violência da direita, sua postura aristocrática, seus mitos (FREIRE, 1982, p. 79).

A educação democrática precisa mostrar as múltiplas facetas desse conservadorismo que buscou dominar o Brasil e, sob um manto de modernidade, apenas escondeu o aumento da pobreza

da população, escamoteou os índices de desemprego e subemprego, relegou ao abandono a ciência e desmontou as propostas de uma educação ética e emancipadora.

Vale reforçar que historicamente, no Brasil, nos tempos do Império e da República a educação nunca foi tratada como prioridade nacional tendo, várias vezes, sofrido reformas que tenderam a retirar do Estado a obrigatoriedade e o compromisso com a educação pública, delegando-a aos interesses do setor privado, sendo que:

Isso quer dizer que o mercado está decidindo os rumos da educação nacional, segundo os seus próprios critérios, os quais já foram denunciados exaustivamente como não representativos dos interesses gerais da nação (HILSDORF, 2003, p. 134).

Os interesses privados se sobrepondo ao interesse público, em especial na educação, mostram que estão sendo alijados de seus direitos um grande número de crianças e jovens brasileiros que, sem a oportunidade de frequentar uma escola pública de qualidade, estarão colocados à margem da sociedade ou, simplesmente, lançados fora ou descartados.

A ampla camada da população brasileira que, para atender aos interesses do mercado, estará privada de seu direito à educação de qualidade servirá, com certeza, de mão de obra barata para alimentar interesses privados, beneficiando poucos e explorando muitos.

Se os caminhos de uma educação pública de qualidade, inclusiva, democrática e ética nem sempre são fáceis de serem trilhados, ainda assim, não é válido destituir o Estado de tal tarefa, entregando-a aos interesses privados.

Evidentemente é preciso ter claro que, enquanto processo, a educação está sempre sendo construída por seus diferentes atores, todos “incompletos”, mas conscientes de que é preciso ampliar seu campo de conhecimento e presença no mundo, considerando que:

A consciência da incompletude, tanto do sujeito quanto do meio, perpassa a obra de Freire e encontra-se nos próprios fundamentos da postura construtivista. Se tudo está pronto, no sujeito ou no meio, o inacabamento ou a consciência do inacabamento são absurdos. Essa interpretação de seu corpo, de suas ações, de seu conhecimento ou de sua consciência como falta, incompletude, inacabamento, inconclusão é precisamente o que move o sujeito a construir algo que lhe permite superar essa situação (BECKER, 2012, p. 81).

A percepção do “inacabamento” do ser humano e da própria educação, longe de ser motivo de desânimo é, ao contrário, o motor da força e da coragem para enfrentar a tarefa de uma educação

onde todos tenham lugar, todos estejam incluídos, todos possuam direitos e todos mereçam ser respeitados.

No caso específico da educação, tão duramente atingida pelas políticas públicas neoliberais adotadas, cabe lembrar o que o desmonte da área educacional é sempre buscado por determinados setores fortes e influentes da política brasileira, visto que:

As propostas neoliberais como alternativa, no campo educativo expõe os limites do horizonte da burguesia e, em casos como o brasileiro, sobredeterminados por uma burguesia atrasada, elitista e despótica (FRIGOTTO, 2003, p. 203).

No avanço das políticas neoliberais é recorrente que resultados catastróficos sejam atingidos, que a população de menor poder aquisitivo fique abandonada, que os direitos humanos sejam varridos das políticas públicas, que os avanços democráticos sejam solapados, afinal, esse é o objetivo perseguido pelo neoliberalismo e seu fiel acompanhante o neoconservadorismo.

Defender uma educação democrática, que seja ética e inclusiva, significa enfrentar, com coragem e criticamente, o neoliberalismo que vem, paulatinamente, usurpando os direitos de crianças e adolescentes, destruindo uma pedagogia humanista e progressista onde todos caibam e todos tenham seus direitos respeitados.

A educação democrática que recusa o preconceito, renega a discriminação e luta para levar a todos, sem qualquer distinção, acesso ao conhecimento é, certamente, fundamental para a construção de um mundo mais justo, igualitário e verdadeiramente humano, além de ressignificar o sentido do magistério, afinal:

A infância negada e roubada é ainda mais enigmática para a pedagogia. Renova toda crença de que, apesar da barbárie, podemos esperar e continuar no velho ofício de acompanhar o desenvolvimento da espécie humana. A infância e a adolescência negadas nos dizem que apesar de tudo guardam um possível humano. Que nosso ofício ainda tem sentido (ARROYO, 2009, p. 251).

A defesa da educação passa, portanto, pela certeza de que é preciso unir esforços para evitar a destruição de toda uma geração, de crianças e jovens, que sem acesso a uma educação democrática serão condenados à destruição.

É preciso que toda população, não apenas os docentes e os discentes, estejam engajados na luta por uma educação democrática, mais que isso, é preciso deixar claro que sem uma educação de qualidade o futuro de crianças e jovens estará irremediavelmente perdido.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se mostrar a importância da educação como uma ferramenta fundamental para a defesa da democracia, bem como uma forma adequada para o combate das inúmeras faces do conservadorismo que, incansavelmente, luta para capturar as sociedades em geral.

Verificou-se que diferentes pensadores, do Brasil e de outros países, em diversas épocas manifestaram suas preocupações com o avanço de uma visão neoliberal que tem como foco o aniquilamento da educação democrática, o apagamento dos direitos humanos conquistados após tantas batalhas e, sobretudo, pondo em risco a democracia.

Acredita-se que, ainda que de forma bastante limitada, a proposta desse artigo é contribuir para que todos tomem consciência da necessidade de garantir a existência de uma educação democrática, verdadeiramente inclusiva e livre de preconceitos, não apenas por sua importância, mas, sobretudo pela certeza de que sua destruição implicará na destruição da democracia.

Há muito por fazer, o debate continua aberto e, sem dúvida, todas as contribuições foram, são e serão importantes para que a defesa da educação democrática seja a principal bandeira, não apenas dos educadores, mas de todo o povo.

## REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Ofício de mestre: imagens e autoimagens**. 11<sup>a</sup> ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2009.

CARNEIRO, Roberto. Educação e Comunidades Humanas revivificadas – uma visão da escola socializadora no novo século. In: DELORS, Jacques; et al. **Educação: um tesouro a descobrir – Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI**. 8<sup>a</sup> ed. São Paulo: Cortez, 2003.

BECKER, Fernando. **Educação e construção do conhecimento**. 2<sup>a</sup> ed. Porto Alegre: Penso, 2012.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 8<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação e a crise do capitalismo real**. 5<sup>a</sup> ed. São Paulo: Cortez, 2003.



HILSDORF, Maria Lucia Spedo. **História da Educação Brasileira – Leituras**. São Paulo: Cengage Learning Edições Ltda, 2003.

MONDAINI, Marco. **Direitos humanos: breve história de uma grande utopia**. São Paulo: Edições 70, 2020.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**, tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. - 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Direitos humanos, democracia e desenvolvimento** [livro eletrônico] / Boaventura de Sousa Santos, Marilena Chaui. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2014.

SIMÕES, Edson. **A luta pela democracia no Brasil: de Vargas a Bolsonaro**. vol. 5, 1ª ed. São Paulo: Almedina, 2022.

VIEIRA, Maria da Conceição Dal Bó; PAULINO, Thais Hora; BURANI, Gabriel Arruda. O abandono das evidências científicas e o desprezo pelas humanidades no aprofundamento da crise da covid-19. In: **III Conferência Euroamericana para o Desenvolvimento dos Direitos Humanos - Dimensões dos Direitos Humanos na Resposta à COVID-19 (CEDH2021)**. Coimbra: JUS.XXI, 2022.